

## Índio denuncia extermínio

MANAUS; O índio Lino Pereira Ordeiro da Tribo Miranha, da Aldeia Miratu de Tefé, foi o indicado para ler o documento em que os índios denunciam o extermínio de sua raça. O documento na íntegra é o seguinte:

É com o coração transbordando de alegria que nós, índios da região de Solimões, Rondônia, Rio Negro, Baixo Amazonas assim como de todos os Estados brasileiros gostaríamos de receber e dar um sorriso através dessa mensagem mas, como poderíamos sorrir com Vossa Santidade, sofrendo, e Vossa Santidade sabendo das causas que afetam, que prejudicam as nações indígenas do nosso país, o Brasil. Somos massacrados, explorados, e tendo estradas que traçam nossas terras que prejudicam o índio por doenças diversas e problemas que não havia entre nós. Estamos sendo acabados por projeto, empresas e invasores que roubam nossas vidas: tomando nossas terras e expulsando delas, sendo nós os donos dessa pequena e única área dentro deste imenso país. Estão colocando ponto final em nossa cultura. Muitas vezes nossos irmãos são mortos por defender suas terras e tendo um tutelar que é a FUNAI para demarcar as terras e ela não cumpre seu dever, fica apenas na promessa. Ficam, assim, nossos direitos violados, desrespeitando-se até, o estatuto do Índio. Achamos que nós devemos ser respeitados porque somos seres humanos, somos também filhos de Deus. Vossa Santidade, sendo ministro das Igrejas Católicas gostaríamos que soubesse que no País mais católico do mundo que é o Brasil vem se sucedendo estes grandes problemas desde seu descobrimento e que agora está quase homolgado de o índio perder seus direitos. Vossa Santidade, olhai para este povo que está desaparecendo. O mundo não está sabendo o que está havendo neste país. Há centenas de irmãos que estão desaparecendo. Queremos nossos direitos. Somos humanos também. Somos filhos de Deus. Apoiai-nos Santidade, somos tuas ovelhas e tu és nosso pastor".

É a seguinte íntegra do discurso feito pelo presidente nacional do Conselho Indigenista Missionário José Gomes - bispo de Chapecó, Santa Catarina - ao Papa João Paulo II ontem a noite no encontro reservado mantido pelo Papa com os índios de 18 nações e com alguns missionários do CIMI:

O CIMI, que congrega 62 Dioceses e Prelazias com seus missionários de pastoral específica dos povos indígenas saúda com muita alegria Vossa Santidade como o grande intrépido e destemido defensor dos direitos fundamentais do homem por isso mesmo defensor dos direitos também dos índios. O CIMI, Santidade, nasceu do desejo dos missionários em tratar com mais profundidade a assim chamada "problemática indígena". Foi em 1972.

De lá para cá tem procurado a defesa intransigente dos direitos dos povos indígenas. Nos alegamos imensamente ao ler a mensagem de Vossa Santidade na abertura do Congresso Eucarístico de Fortaleza. Nos emocionamos com as palavras de Vossa Santidade em que Vossa Santidade se identifica com os imigrantes quando dizia: "Nesta complexa situação como não pensar no desenraizamento cultural e talvez linguístico na separação temporária ou definitiva da própria família, nas dificuldades de inserção e integração do novo ambiente, no desequilíbrio sócio-político, nos dramas psicológicos, e tantas outras consequências e caráter interior e espiritual"? Se estas dificuldades aparecem em pessoas de cultura mais ou menos homogênea quando se mistura com outras, o que não acontecerá quando nós de cultura ocidental assaltamos as áreas indígenas e suas culturas? Povos que vivem uma cultura de 10 a 15 milênios atrás mas que nem por isso deixam de ter riquezas espirituais, sócio-culturais, dignas de admiração porque nelas atuam as "sementes do verbo".

Vibramos intensamente quando

Vossa Santidade fala dos legítimos e fundamentais direitos do homem: Direito de permanecer livremente no próprio país, de ter uma pátria, e ter uma vida familiar plena; de contar com os bens necessários para a vida; de conservar e desenvolver o patrimônio étnico, cultural e linguístico e de professar publicamente a própria religião e de ser reconhecido e tratado com a dignidade de sua pessoa em qualquer circunstância. Se nos alegamos quando Vossa Santidade fala com todo o rigor dos direitos fundamentais do homem, entristecemos profundamente diante da realidade dos povos indígenas porque esses direitos são sistematicamente destruídos e pisoteados. Em nome de um desenvolvimento desumano e cruel, de um capitalismo liberal, materialista, consumista com visão exclusiva do lucro são destruídos os povos nativos sem o mínimo respeito a sua vida e cultura e são tido como improdutivos e preguiçosos. Para conquistar-lhes a terra são levados a morte e destruição física e sócio-cultural-religiosa e os jogamos como marginalizados de nossa sociedade. Infelizmente este quadro começa a ser desenhado e pintado desde a conquista desta terra. Cinco milhões de pessoas foram exterminadas pelo simples fato de defenderem seu espaço vital e seus direitos fundamentais. Santidade, nomes cristãos de cidades que parecem enriquecer nossa tradição religiosa nos cobrem de vergonha quando sabemos o porque desse nome sagrado: Nossa Senhora das Vitórias, por exemplo, capital do Espírito Santo tem esse nome porque ali se exterminaram 330 mil índios que se defendiam dos assaltos e dos invasores.

Natal: Porque mais uma capital com esse nome? Não por honra ao salvador mas porque nesse dia acabava-se por exterminar por completo os povos indígenas do Rio Grande do Norte. O mesmo se diga de São Salvador, São Luiz e São Paulo, mais três capitais construídas sobre o sangue dos povos indígenas. Manaus a terra que Vossa Santidade pisa tem esse nome oriundo da grande nação que aqui vivia e que foi totalmente exterminada. Nas águas que Vossa Santidade vai navegar hoje engoliram e mataram o glorioso cacique Ajuricaba que ali se jogou para fugir ao julgamento que o branco lhe impunha quando ele defendia seus irmãos. Na homilia da missa em Brasília, Vossa Santidade falava da cruz plantada em terras brasileiras na primeira missa e também em Brasília, em sua primeira missa do país, dizia que esta cruz não pode estar despida do Cristo Crucificado. Infelizmente o Cristo crucificado nestas duas cruzes não foi dali retirado até hoje. Não o Cristo histórico mas o Cristo vivo através de cinco séculos de morte dos povos indígenas. Por isso sim fiel aos ensinamentos de Vossa Santidade denuncia o CIMI até as últimas consequências a defesa dos direitos fundamentais dos povos indígenas. Santidade, o massacre não foi apenas no passado. Se faz hoje, neste século, nesta década. No começo do século existiam um milhão de índios. Hoje são apenas 200 mil. Isto acontece num país que quer ostentar o título de maior país, católico do mundo. Estes 200 mil sobreviventes dos povos indígenas são a imagem viva do homem assaltado e esbulhado da parábola do bom samaritano. Continua-se a roubar suas terras, sua vida, sua religião e cultura a reduzi-los a marginalização. O CIMI quer ser o bom samaritano que acolheu o homem a margem da estrada, mas as forças do mal são tantas e tão fortes e inexoráveis em sua marcha destruidora que muitas vezes nos sentimos pequenos, quase a desfalecer nessa luta. Pedimos sua bênção, Santo Padre, venha nos confirmar na fé e dar-nos novas forças para prosseguirmos na luta sem desanimar.

Em nome dos missionários indígenas no Brasil que temos beijas as mãos de Vossa Santidade e dizer que somos fiéis a Igreja e aos nossos irmãos índios, sofredores e marginalizados".